A FOLKCOMUNICAÇÃO AMAZÔNICA NO ARRAIAL "FLOR DO MARACUJÁ" DE PORTO VELHO[1]

Em busca de uma identidade cultural através da comunicação social

Prof. Marco Antonio Bonito[2]
UNIRON – Faculdade Interamericana de Porto Velho

Prof. Fábio Rodrigues Corniani[3]
UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

Profa. Cristina Leite Fernandes Bonito[4]
UNIRON – Faculdade Interamericana de Porto Velho

Colaboração[5]:
Profa. Laura Borges Nogueira
Profa. Simone Norberto
Acadêmica Anna Paula Costa e Silva
Acadêmico Danilo Cristo de Miranda
Acadêmica Karlini Porphirio
Acadêmica Quetila Ruiz
Acadêmico Rafael Altomar
Acadêmica Renata Pimentel

Resumo

Este trabalho pretende apresentar a festa folclórica "Arraial Flor do Maracujá", tradicionalmente realizada há 27 anos em Porto Velho, Rondônia, como expressão da cultura popular em uma região fortemente influenciada pela imigração. As referências teóricas encontradas neste artigo são fruto do curso de metodologia folkcomunicacional ministrado pelo doutorando em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Professor Fábio Rodrigues Corniani.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Flor do Maracujá; cultura popular; Região Norte; Amazônia.

---

[1] Trabalho apresentado no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Folkcomunicação.

[2] Mestre em Comunicação – Culturas midiáticas e grupos sociais - pela Universidade Paulista (UNIP) e coordenador dos cursos de Comunicação Social da UNIRON – Faculdade Interamericana de Porto Velho. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo - pela Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: marcobonito@marcobonito.com.br

[3] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Folkmídia pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. **E-mail: fcorniani@hotmail.com**

[4] Graduada em Comunicação Social – Jornalismo – pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. Assessora de Imprensa da Federação das Indústrias de Rondônia – FIERO – e professora do curso de Ciências Sociais da UNIRON – Faculdade Interamericana de Porto Velho.

[5] Este artigo é resultado de uma pesquisa empírica realizada em grupo, formado por professores e acadêmicos do curso de Comunicação Social da UNIRON. A compilação e organização foram dos autores principais, mas a produção em si é fruto do trabalho de todos os citados.

1. Introdução

A capital do estado de Rondônia, Porto Velho, abriga, há 27 anos, uma festa folclórica que reúne quadrilhas e bois-bumbás, trazendo elementos culturais portugueses, africanos e indígenas: o Arraial Flor do Maracujá. O nome da festa se origina de uma "quadrilha caipira" dos anos 50, que era organizada pelo Sr. Joventino Ferreira Filho, morador do Bairro do Triângulo em Porto Velho. Ele explica que, na época da festa, em junho, as mulheres colocavam flores de maracujá em seus cabelos para se embelezar e assim surgiu a inspiração para o batismo.

Entretanto, as festividades de quadrilha em Porto Velho datam muito antes disso – desde a década de 1920. Como não tinham espaço adequado e por isso aconteciam em escolas, praças, ruas e quintais, o governo do Estado, em 1983, criou o Arraial Flor do Maracujá, ao lado do Ginásio Cláudio Coutinho, e mudou atualmente para um terreno adequado entre as ruas Farquar e Presidente Dutra.

Este ano ocorreu a 27ª edição do evento e novamente foi possível observar a presença das expressões comunicativas através das figuras e símbolos folclóricos durante os dias das apresentações. Alguns destes símbolos são bastante comuns em outras regiões do país como, por exemplo: botos, cobras-grandes, o curupira, a caipora, a iara, o boi-bumbá e etc, e foram importados através da imigração ao longo dos últimos 30 anos.

O Arraial, com suas milhares de bandeirinhas coloridas e a variedade de comidas típicas, juntamente com a apresentação das danças, torna-se um movimento dentro de um contexto cultural cheio de símbolos, ícones e suas significações. Alem disso, pode ser entendido como um dos maiores eventos culturais do Estado de Rondônia, tanto pela quantidade de audiência envolvida, bem como pelo investimento financeiro governamental e privado.

2. Folkcomunicação

Antes de analisarmos os símbolos da festa e a mensagem que eles transmitem, é necessário o estudo dos processos comunicacionais para nos ajudar a compreender fenômenos como os do Arraial Flor do Maracujá.

Em sua tese de doutorado, em 1967, Luiz Beltrão lançou um novo olhar da Comunicação sobre as manifestações folclóricas. Beltrão iniciou as pesquisas estudando mais do que simples devoção celestial e começou a analisar que elas possuíam também finalidade comunicativa.

A Folkcomunicação trata do processo comunicacional em que a mensagem é transmitida a uma audiência através de um líder-comunicador, ou líder de opinião. Essa audiência é "folk", ou popular, formada por grupos marginalizados da sociedade. De acordo com Beltrão, o marginal é "um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente" (BELTRÃO, 1980, p. 39), dentre estes grupos sociais temos os rurais e urbanos. Neste sentido, os grupos rurais, que vivem em áreas desassistidas pelas instituições e são carentes em vários aspectos, como o educacional, por exemplo, é um tipo de grupo marginalizado que compõe a audiência folk. De acordo com Corniani:

> Para se comunicarem, os grupos rurais marginalizados valem-se, preferentemente, de canais interpessoais diretos, como as conversas, o relato de "causos" e as normas e regras sociais, que são transmitidas através da oralidade pelos parentes, como pais, avós e irmãos mais velhos, e também através de líderes de sua comunidade, como pastores, velhos e etc. (2005)

Neste sentido o Arraial Flor do Maracujá pode ser considerado uma das representações de culturas marginalizadas da região amazônica e neste caso o grupo social é o rural.

A partir disto analisaremos as formas comunicacionais a partir da mensagem e sua expressão através dos canais da música, dança, comida e decoração, próprias de grupos rurais que vêm à tona em festas como esta em todo o Brasil.

2. O arraial e suas representações

2.1. Organização

Uma manifestação popular, por mais menos complexa que seja, pretende causar um efeito e um sentido comunicativo através de mensagens implícitas ou explícitas. No processo comunicacional podemos identificar as etapas desse fenômeno aplicando o modelo comunicacional metodológico da folkcomunicação à festa folclórica "Arraial Flor do Maracujá", dando ênfase à Mostra de Quadrilhas e Bois-Bumbás, que acontece durante o evento da festividade junina.

Os vinte e sete anos de tradição indicam que desde a primeira edição, a intenção comunicativa do emissor é evidente. A comunicação acontece com ruídos, já que estes conseguem atingir de alguma forma o seu alvo primário, o público freqüentador. Os organizadores da festa, juntamente com seus idealizadores, são os emissores neste processo e buscam atingir, através do *corpus* do evento, os demais sujeitos da população.

No início, a festa era organizada pelos próprios grupos folclóricos, a partir de 1991 o Arraial foi inserido no calendário cultural – Turístico de Rondônia, passando a ser gerenciado pelo Governo do Estado de Rondônia, e co-realizado pela Prefeitura Municipal de Porto Velho e a Federação de Quadrilhas, Bois-bumbás e Grupos Folclóricos do Estado de Rondônia. Todo ano é feita uma comissão de trinta pessoas, responsáveis pela organização direta do Arraial, presidida em 2008 por Luiz Gouveia, gerente da Cultura do Estado de Rondônia.

Para fins de registro das intenções dos emissores segue abaixo a legislação que regulamente a responsabilidade do Estado para com a manifestação da cultura popular:

> Art. 1º - A XXVII mostra de quadrilhas e bois-bumbás / Arraial Flor do Maracujá é uma realização do governo de Rondônia, através da Secretaria de Estado de Esportes, da Cultura e do Lazer – SECEL, co-realização da Prefeitura Municipal de Porto Velho e da Federação de Quadrilhas, Bois-bumbás e Grupos Folclóricos do Estado de Rondônia – FEDERON e a parceria da Polícia Militar; corpo de Bombeiro; Companhia independente de Trânsito; Delegacia de costumes, jogos e diversões; SESAU; SEDAM; CERON; CAERD; ELETRONORTE; Fundação Iaripuna; EMDUR; SENTRAN; SEMUSP, SEMOB; SEMUSA; SEMA; SEMPLA e Vigilância Sanitária, com o Objetivo principal de valorizar as forças vivas e atuantes das manifestações floclóricas do Estado de Rondônia.
> § único – O Arraial Flor do Maracujá, onde acontece a mostra de Quadrilhas e Bois-Bumbás foi inserido no Calendário cultural –

> Turístico de Rondônia, através do decreto nº 5.262, de 10 de Setembro de 1991, (DOE nº 2373, ano IX de 19 de Setembro de 1991)

Sendo assim, a realização do Arraial Flor do maracujá é considerada importante por seus organizadores, e tem a intenção de que se mantenha viva as tradições folclóricas adotadas pelo povo rondoniense, tanto das quadrilhas e grupos de boi, quanto da comida típica, músicas e demais manifestações.

Outro aspecto interessante relacionado ao evento é a geração de emprego que a festa fomenta. A começar pelas confecções de fantasias, adereços e carros alegóricos nas agremiações e depois na festa propriamente dita. Muitas pessoas conseguem uma atividade temporária, carpinteiros, eletricistas, iluminadores, cinegrafistas, garçons, cozinheiros, seguranças, comerciantes entre outros que trabalham na montagem da estrutura ou no atendimento ao público de costume nas agremiações. Foi possível observar, nos dias que antecederam a festa, anúncios em tabuletas, no entorno do terreno reservado ao evento, que solicitavam mão-de-obra sendo que alguns se diferenciavam por oferecer carteira de trabalho assinada.

Todos os anos são disponibilizados R$470 mil, pelo Estado, para a realização do arraial. Deste montante R$ 200 mil é dividido entre os grupos folclóricos que se apresentam na mostra e R$ 270 mil é voltado para a infra-estrutura da festa. Em 2008 foram disponibilizados 33 barracas de comidas típicas (aluguel de R$ 700 cada) e havia 48 ambulantes (pagamento de R$ 400 cada).

2.2. Danças

2.2. 1. Quadrilha

O sentido denotativo de quadrilha encontrado no dicionário da língua portuguesa é “Dança executada por vários pares, comum nas festas juninas”, (AULETE, 2004, p. 660). A origem da dança é na nobreza européia no século XIII e XIV, sendo trazida ao Brasil pelos portugueses ainda no período colonial. Sob influência cultural de outros países como China, França e Espanha a

dança agregou elementos diversos, por exemplo, a dança marcada, a presença de balões - hoje proibidos por lei – e a dança com fitas. Ao longo do tempo esses elementos foram misturando aos traços culturais brasileiros - índios, afro-brasileiros e imigrantes europeus - criando características peculiares de cada região do país.

Anualmente 14 quadrilhas adultas se apresentam no arraial Flor do Maracujá, cada uma tem direito a 50 minutos de performance na arena. As duas quadrilhas com menores notas são rebaixadas para o grupo de acesso e competem no ano seguinte em outra festa folclórica, o Arraial Flor do Cacto, que é classificatória para o grupo especial.

Para as apresentações concorrentes são exigidas a participação de alguns personagens ícones do folclore brasileiro: noivos, padre, sacristãos, seringueiros, caçadores, Maria Bonita e Lampião, cangaceiros, juiz, escrivão, casal de velhos e guarda. São seis os jurados que avaliam a quadrilha nos quesitos organização, evolução da coreografia, originalidade, animação e evolução, criatividade e os personagens obrigatórios.

Personagens característicos da região foram introduzidos na dança das quadrilhas, como exemplo o seringueiro, profissão comum em Rondônia na época de sua colonização, fim do século XIX e início do século XX.

Geralmente os ensaios iniciam três meses antes da festa, no entanto, a composição das músicas, escolha do tema, cenários, brincantes e figurino são feitos logo após o término do arraial para o ano seguinte.

A campeã da categoria adulto de 2007 foi a quadrilha Rosas de Ouro. Em 2008 eles se apresentaram sob o tema “A eterna caipira de São João, passado, presente com fogueira e balão”. O coreógrafo da quadrilha, Alcimar Além, adaptou uma das músicas de uma quadrilha do Ceará para apresentação. Na dança, para traduzir o espírito rondoniense, ele utilizou passos livres e firmes, característicos do homem matuto – ou caipira. Neste ano foram introduzidos personagens como as rainhas da fogueira, do milho, do folclore, caipira e das flores. “O tema e a mensagem que queremos passar são facas de dois gumes, pois têm que transmitir a informação para o júri e para o público entenderem ao mesmo tempo”, afirmou Alcimar em entrevista realizada momentos antes da sua apresentação.

O historiador Marco Teixeira, professor de história de Porto velho, dá suporte às quadrilhas e ajuda na pesquisa histórica para adequação ao contexto. Foi realizado, inclusive, um seminário para apresentar aos realizadores da festa um pouco mais da história, cultura e tradição rondoniense.

Para a executora de projetos de manutenção e preservação do patrimônio histórico e cultural da Secretaria Estadual de Cultura, Esportes e Lazer (SECEL), e uma das organizadoras do Arraial, Maria de Nazaré Figueiredo da Silva, em Rondônia ainda não há uma identidade cultural formada. A organizadora justifica que isso se dá pelo motivo de Rondônia ser um Estado novo (26 anos) e ter histórico de seus habitantes migrarem de outras regiões do país, bem como do exterior. O vencedor da quadrilha deste ano foi a quadrilha Rádio Farol com o tema "Amazônia".

2. 2. Dança: Boi-bumbá

Dentro do processo da comunicação o Bumba-meu-boi, manifestação da cultura popular brasileira da região nordeste, mais especificamente oriundo do Estado do Maranhão e espalhado pelos estados da região norte com o nome de Boi-Bumbá, é o canal para a mensagem de um modelo econômico oligárquico e senhorial, estabelecido no Brasil Colônia. Este modelo, que apesar dos avanços e conquistas sócio-políticas atravessou gerações e ainda hoje é muito forte, sobretudo na parte rural do país. Trata-se da estrutura escravista e feudal dominada pelo latifúndio, na qual o proprietário da fazenda e do rebanho mantém o poder e define os castigos as seus subalternos.

O auto do boi tem suas raízes nessa configuração social, por isso o roteiro e personagens seguem essa tradição reproduzindo o modelo, mas subvertendo a ordem estabelecida com elementos dramáticos que caracterizam certa resistência por parte, sobretudo, dos empregados.

Na representação, cada integrante tem o seu papel definido. E pela tradição começa com o grupo mais marginalizado, os negros escravos, os chamados mascarados. Pai Francisco e Catirina são os pivôs da situação dramática. A negra está grávida e tem vontade de comer língua de boi. Pede

ao marido, Pai Francisco que atenda o desejo. O empregado, ou escravo - não se sabe ao certo se o auto representa o momento de transição da abolição, no qual os escravos recém libertados, sem local e chance de emprego, vítimas de preconceito, se tornam agregados dos próprios senhores, numa relação que Antônio Cândido chamou de "Favor" - mata o boi mais estimado pelo Amo e a Sinhazinha. A filha do fazendeiro ao sentir falta do boi quer saber onde está o animal que representa o capricho e o poder da família. Pai Francisco, que cometeu o ato subversivo, condena outro empregado Cazumbá. A partir daí uma série de rituais começa a ser cumprido. O amo manda celar o cavalo para que o "Rapaz" tome as providências, que por sua vez chama o "Vaqueiro", que no sertão é quem tem autoridade sobre a boiada. O Boi é procurado por toda a fazenda, inclusive na floresta. Para isso, o fazendeiro conta com a ajuda dos índios, da tribo próxima à propriedade. Para que o trabalho seja feito conforme a cultura do branco é preciso batizá-los. Se não como aceitar que índios, não cristãos, cumpram a tarefa nobre de encontrar o boi?

A função do "Padre" é de batizar os caboclos para irem à guerra. Com toda a mobilização, o ato infracional é descoberto, mas não o criminoso. O amo usa a "lei de Salomão" para punir o verdadeiro culpado. Ordena a Pai Francisco e Cazumbá para lutarem até que o culpado fique por baixo. É exatamente isso que acontece quando pai Francisco perde a luta e como castigo recebe a missão de ressuscitar o boi.

O elemento mágico da festa dá-se mediante vários meios. Os primeiros convocados são os doutores cachaças, uma espécie de médico leigo presente em qualquer cidadezinha do interior. O nome vem exatamente do hábito que esses profissionais têm. Obviamente o intento não dá certo. A próxima tentativa é o doutor relâmpago, ou o pajé, da cultura indígena-cabocla. Mas é o médico da ciência, o representante da cultura européia, que acaba por resolver o problema e trazer a vida ao animal símbolo da brincadeira.

A partir da ressurreição do boi uma grande comemoração acontece na fazenda. É a brincadeira do boi que aqui na região recorre a outros personagens peculiares como a Cunhã-Poranga ou Morena Bela, Porta Estandarte da agremiação do boi, Rainha do Folclore, Rainha da Batucada e o Bicho Folharal, este último uma exclusividade do Boi-bumbá de Porto Velho.

"Essa foi uma criação de um dos mais antigos diretores de Bois", conta o folclorista e compositor de toadas, Silvio Santos. "Disse que sairia diferente e irreconhecível na brincadeira e assim o fez. Até hoje os bois repetem a atitude vestindo com folhas de bananeiras um dos integrantes, uma forma de representar a natureza", acrescenta. O Bicho Folharal virou quesito de julgamento e se transformou em personagem cômico. Junto com os mascarados, os negros, Pai Francisco, Catirina e Cazumbá, são os palhaços da encenação. Durante toda a brincadeira, representam situações cômicas de brigas e provocações ao público. O figurino caricaturesco e exagerado casal traz a tona também os preconceitos do colonizador sobre o colonizado.

A ressurreição do boi também tem elementos humorísticos. Pai Francisco tem que assoprar a boca do boi, enquanto Cazumbá levanta o rabo. Na comemoração do boi-bumbá em Porto Velho, o chamado "Batizado" é uma tradição que já não existe mais. A apresentação no Arraial Flor do Maracujá pressupõe a ressurreição, por isso os brincantes entram na arena comemorando a vida do boi.

O grupo folclórico mais antigo em atividade na capital de Rondônia, o "Corre Campo", por exemplo, começou sua apresentação no vigésimo sétimo festival do Arraial Flor do Maracujá, com a entrada do carro alegórico que alude à Casa Grande da Fazenda. Em seguida o Amo, apresentando todos os personagens, que estão no quesito de julgamentos da disputa. Silvio Santos convoca a torcida da "Nação Corre Campo" para saudar a homenageada deste ano pela agremiação, a professora Nazaré, uma antiga organizadora do Arraial, hoje funcionária da Secretaria de Cultura do Estado. A paraense devota de nossa senhora de Nazaré é lembrada com outro carro alegórico com a imagem da santa. Ela própria é convidada a subir ao pequeno palco que fica no centro da arena.

A partir daí começam a entrar as barreiras (espécies de alas) com fantasias de índios, empregados da fazenda, floresta, entre outras. A arena fica repleta de brincantes, que dançam no ritmo marcado do boi-bumbá. A coreografia é peculiar, imita os passos de tribos indígenas, mas tem também elementos africanos. As personagens femininas, com exceção de Catirina, que é um *clown*, vestem fantasias carnavalescas, para executar os papéis. Destaque para os movimentos da Cunhã Poranga, sensuais e vigorosos. Quem

veste o boi, o boneco no formato do animal, confeccionado de armação de arame, madeira, espuma e tecido, também tem uma tarefa de destaque. A pessoa denominada tripa de boi, desenvolve uma coreografia própria, imitando os movimentos e interagindo com os demais personagens. Um exemplo é quando a Sinhazinha da fazenda trata do boi com sal, como num gesto de agradar o objeto de mimo.

As toadas, cerca de dez durante uma hora de brincadeira, são cantadas de acordo com a entrada de cada personagem ou momento da encenação. Apenas uma delas, uma inédita, é para julgamento. As demais podem ser repetidas por até três anos, para que os integrantes aprendam e defendam as cores do boi.

Novos carros alegóricos entram, alguns trazendo as figuras de destaque na brincadeira. No Corre Campo, a "Cobra Grande", importante lenda amazônica traz o pajé da tribo; o pássaro mágico carrega a morena bela; a onça pintada, a Cunhã-Poranga.

Todos reverenciam o boi, cumprem a coreografia proposta pela agremiação, entoam as canções e formam um belo conjunto da cultura popular. Para isso contam com alegorias e fantasias que resgatam elementos dos hábitos e costumes ribeirinhos, além da paisagem natural. Mesmo em figurinos mais básicos como as barreiras de índios, pode-se observar costeiras enfeitadas com adereços que imitam cabanas de palhas, redes, palafitas, vitória-régia. Pontos turísticos de Porto Velho, como a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, as Três Caixas d água que serviam para abastecer a ferrovia e o próprio Rio Madeira são inspiração para que os criativos figurinistas tentem, embora muitas vezes sem grandes orçamentos, fazer um pelo espetáculo para o público.

2. 3. Alimentação

Entre a comercialização de bebida e comida no evento estão presentes produtos encontrados ao longo do Brasil e outros regiões, ou que foram adaptados aos costumes do Estado.

Entre as comidas do Arraial foram encontradas:

- Pato e Galinha do Tucupi: tucupi é um molho de cor amarela extraído da raiz da mandioca brava, que é descascada, ralada e espremida (tradicionalmente usando-se um tipiti[6]). Depois de extraído, o molho "descansa" para que o amido (goma) se separe do líqüido (tucupi). Inicialmente venenoso devido à presença do ácido cianídrico, o líqüido é cozido (processo que elimina o veneno), por horas, podendo, então, ser usado como molho na culinária.
- Vatapá – é um prato típico da cozinha da Bahia. Em seu preparo entram pão molhado ou farinha de rosca, há receitas que utilizam fubá, gengibre, pimenta-malagueta, amendoim, castanha de cajú, leite de coco, azeite-de-dendê,cebola,tomate
- Tapioca recheada (frango com catupiri, Romeu e Julieta) – iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena, feita com o amido ou fécula extraído da mandioca, também conhecida como polvilho, goma ou beiju, que ao ser espalhada numa chapa aquecida se coagula.
- Filé Palito **-** pedaços de carne (filé) cortado em tiras, feito na chapa. Também conhecido em outras regiões como filé aperitivo, o nome se dá pelo fato de comer o filé com palito.
- Maniçoba - conhecida como feijoada paraense, é um dos pratos da culinária brasileira, de origem indígena. O seu preparo é feito com as folhas da maniva/mandioca moídas e cozidas, por aproximadamente uma semana (para que se retire da planta o acido cianídrico, que é venenoso), acrescida de carne de porco, carne bovina e outros ingredientes defumados e salgados.
- Bobo de Camarão - parte da culinária nordestina feito a base de camarão e mandioca.
- Pirarucu a casaca – Prato típico de Manaus feito com o peixe pirarucu e banana pacovã, o tambaqui grelhado, ou a famosa caldeirada de tambaqui.
- Caruru - prato típico da culinária baiana, originalmente uma comida ritual do candomblé, provavelmente trazida para o Brasil pelos escravos africanos. É preparado com quiabo, verdura que se pensa ser de origem

[6] Cesto cilíndrico elástico, feito de fibras vegetais, usada para espremer e secar a massa da mandioca.

africana, cebola, camarão frescos e seco, azeite de dendê, castanha-de-cajú torrada e moída, amendoim torrado sem casca e moído.

- Tacacá - iguaria da região amazônica brasileira, em particular do Pará, Amazonas, Amapá e Rondônia. É preparado com um caldo fino de cor amarelada chamado tucupi, sobre o qual se coloca goma, camarão e jambu. Serve-se muito quente em cuias, temperado com sal e pimenta.

As barracas, ou ambulantes, também serviam picanha na chapa, carne de sol, cachorro quente, misto, x-salada, espetinhos de carne (vermelha, frango e calabresa), galinha caipira e picante, caldo de feijão, pudim, bolo de macaxeira, pizza, baião de dois, bife acebolado, escondidinho de macaxeira, churrasco, maminha na manteiga, peixes Dourado e Tambaqui, espetão arado (contrafilé, frango e lingüiça toscana), creme de macaxeira, brigadeiro, crepe, casquinha de milho, canjica, bolo e pudim de milho e pastel.

Em termos de bebida foram encontradas na festa o quentão, drinques variados, suco de milho, refrigerante, cerveja e sucos com frutas típicas da região como cupuaçu, cajá, acerola, graviola e açaí. Somente a cerveja da marca Kaiser foi comercializada na festa por ter o direito de patrocínio exclusivo.

Vale ressaltar que além das comidas típicas nas barracas também são vendidos: brinquedos, bijuterias, adereços, artesanatos feitos de crochê, cipó, barbante, pintura em tecidos, e outros produtos com características regionais. Esses artesanatos são feitos por artesãos de Porto Velho, principalmente por indígenas que já fazem parte de um trabalho de socialização dessa cultura indígena, todos os anos na flor do Maracujá.

2.4. Receptor – o público

Foi observado, através da pesquisa realizada com os freqüentadores, que há ruídos significativos nas intenções comunicativas, visto que nenhum dos entrevistados soube explicar com propriedade as relações culturais envolvidas na festança.

Em geral, o público não faz nem idéia do porque do nome "Flor do Maracujá", quando emitiram opinião invariavelmente divergiram da versão pronunciada pelo organizador do evento. Quando perguntados sobre os motivos da participação do Boi e da Quadrilha resumiam dizendo que eles sempre fizeram parte da festa, mas não sabiam bem o motivo de ser um boi ou uma quadrilha.

Outra curiosidade é que todos os entrevistados disseram participar da festa por entretenimento/diversão, nenhum disse participar por motivos ligados diretamente à manutenção da cultura exposta. As crianças se mostraram muito mais interessadas no parque de diversões anexo do que nas manifestações folclóricas apresentadas na arena.

Ao observar a decoração, o público reparou, invariavelmente, na "mesmice de sempre", alguns comentaram sobre o fato de parte da decoração ser a mesma de outras edições da festa, o que chama a atenção, já que todos os anos são investidos R$270 mil numa nova festa.

Com relação às comidas típicas há uma confluência de dissabores, como a maioria das pessoas em Porto Velho são imigrantes ou descendentes destes há um cardápio bastante diferente na festa. Para os freqüentadores sempre falta uma coisa ou outra, geralmente alguma comida típica da região onde morava. No caso das comidas que eram encontradas lá as pessoas criticavam alguma coisa, fosse o tempero ou a aparência e a comparação era sempre com alimentação da sua terra natal.

Já as músicas formaram a principal reclamação por parte dos participantes, ora por destoarem das músicas clássicas das festas juninas, ora por serem muito eletrônicas. Um dos entrevistados acusou a falta de violas caipiras no som das músicas e criticou os alto-falantes do parque de diversões que só tocavam forró eletrônico. Já outro gostaria de ouvir "músicas de São João", iguais as que ele ouvia em Pernambuco. Foi percebido que se excetuando a arena, durante as apresentações da quadrilha, as demais músicas veiculadas nas imediações tinham um apelo popular e comercial.

A arena onde acontecem as apresentações é um local reservado e limitado (pelas arquibancadas), fazendo com que a imensa maioria das pessoas que freqüenta a festa não tenha acesso ao que acontece lá dentro. Ficando a cargo das mídias o papel de divulgação da cultura do arraial e do

boi. Neste ano, todas as principais mídias de massas fizeram cobertura do evento, destacando-se a REDETV que transmitiu o evento ao vivo e ainda entrevistou personagens dando voz e difundindo a cultura local.

2.5. Conclusão

Após a pesquisa e a fundamentação teórica advinda do curso de metodologia folkcomunicacional, realizado na UNIRON em Porto Velho, fizemos uma análise primordial sob os aspectos comunicacionais da cultura popular a partir da festa junina "Arraial da Flor do Maracujá".

Nosso grupo de pesquisadores concluiu que os estudos sobre o Arraial Flor do Maracujá necessitam ser mais explorados e investigados, dada a profundidade dos assuntos e a inexistência de artigos científicos referenciais a respeito.

Este primeiro trabalho em conjunto, motivacionou o corpo docente e os acadêmicos envolvidos evidenciando uma clara vontade de refletir, através da ciência da comunicação, os aspectos culturais de uma região tão carente de identidade própria, mas tão amistosa sob o ponto de vista da imigração.

Desta forma, neste primeiro trabalho, concluímos que há ruídos significativos na comunicação exercida através dos canais formalizados pelo Arraial Flor do Maracujá. Nossas hipóteses para isto são:

A imigração de todas as partes do país e inclusive dos países vizinhos como Bolívia e Peru, que miscigenam consideravelmente as culturas, mas que ficam mais evidentes em festas populares onde se enxerga mais nitidamente a falta de uma unidade cultural. Pode-se observar a construção paliativa de uma nova cultura e posterior identidade claramente influenciada pelo degradê cultural que não só perde referências como também agrega novas culturas.

Pode-se, entretanto, instruir melhor a audiência, objetivando-se a formação de uma nova geração consumidora dessa cultura, através de ações comunicativas eficientes, trabalhando junto às escolas e demais órgãos sociais, bem como abrindo espaço nas mídias para a divulgação cultural de Porto Velho e ajudar a construir a identidade da região.

Referências bibliográficas

AULETE, Caldas. **Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CASTELO BRANCO, Samantha. **Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática**, In: DUARTE & BARROS, org. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

CORNIANI, Fabio Rodrigues. **Afinal o que é folkcomunicação**. São Paulo: <www.folkcomunicacao.com.br>, 2005.

_____, e BONITO, Marco Antonio. **Folkcomunicação e Orkut: os culturalmente marginalizados**. São Paulo: <www.folkcomunicacao.com.br>, 2006.

_____, e BERTI, Orlando Mauricio de Carvalho. **A difusão folkmidiática da cultura gonzagueana.** Sitio Lua Gonzaga: de Exu, Pernambuco, para o Mundo. São Paulo: <www.folkcomunicacao.com.br>, 2007.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular.** São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Comunicação e folclore**. In: _____. Reflexões sobre temas de comunicação. São Paulo: ECA/USP, 1972.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação na aldeia global.** São Paulo: Ductor, 2006.